

# **GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: O QUE PENSAM E COMO SE DÁ A ABORDAGEM DOS (AS) PROFESSORES (AS) EM SALA DE AULA**

Wanderson Felix Viana; Cristianne Lopes Lima de Castro<sup>1</sup>

*Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE*  
*wanviana.edu@gmail.com*

## **Resumo**

Esta pesquisa teve o intuito de verificar, analisar e interpretar a percepção do docente que ensina na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, bem como, perceber as suas ações pedagógicas referentes às questões de gênero e diversidade sexual nas escolas. Tomamos como alicerce metodológico a abordagem de uma pesquisa qualitativa e do diagnóstico obtido pelo questionário semiestruturado empregado entre os professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental anos iniciais, em escolas da rede pública e privada da Região Metropolitana da Cidade do Recife, Pernambuco. Verificamos eficiência em alguns sujeitos analisados referente à abordagem da temática tratada. Concluímos que alguns docentes necessitam rever suas próprias práticas de abordagem, adequando-se à proposta de trabalho indicada pelas produções de base curricular comum para o ensino nacional, como o RCNEI e o PCN. Sabemos da relevância do estudo com as temáticas de gênero e sexualidade na formação humana, cabendo ao docente possuir um olhar reflexivo para realizar sua prática de forma coerente, de modo a proporcionar o exercício da cidadania em seus alunos.

**Palavras-chave:** Gênero, Sexualidade, Prática pedagógica.

## **INTRODUÇÃO**

O contexto de sala de aula é cheio de ocorrências preocupantes que envolvem questões sobre diversidade e pluralidade cultural, étnica, sexual, religiosa, etc. nas quais, muitas vezes, tornam-se complexas de serem mediadas. Gestoras(es), professoras(es) e coordenadoras(es) enfrentam, diariamente, situações de intolerância e agressão no âmbito escolar e precisam buscar maneiras de como direcionar essas ocorrências e proporcionar o bem viver das relações humanas na escola, e, conseqüentemente, na vida social das(os) alunas(os).

Quando esta desigualdade perpassa a temática de gênero e sexualidade é possível perceber que os agentes responsáveis por realizar a intervenção na grande maioria das vezes acabam por se apropriar de um discurso meramente simplista, no qual, em alguns momentos, silencia as ações, mas não favorece a estes sujeitos o pensamento crítico diante dos acontecimentos.

Falar de gênero e diversidade sexual nas escolas requer antes de qualquer coisa um melhor entendimento acerca destes assuntos que se fazem presentes em todo e qualquer contexto educacional. É preciso conscientizar e clarificar as(os) alunas(os) sobre a grande diversidade que

---

<sup>1</sup> Orientadora - Docente em Faculdade Frassinetti do Recife

nós seres humanos possuímos. Se esses aspectos não forem abordados pelas(os) professoras(es) no âmbito escolar, possivelmente irão entrar de forma agressiva, proporcionando ações desumanas.

Jesus (2008) aponta que o trabalho com a diversidade sexual nas escolas tem como proposta:

Possibilitar que profissionais de educação abordem questões de gênero e sexualidade sob a ótica da diversidade sexual, visando superar toda forma de discriminação no ambiente escolar, fazendo uso de metodologias que proponham a eliminação da homofobia e do preconceito e promovam o respeito às diferenças e à dignidade humana, e a defesa da cidadania (JESUS, 2008, p. 50).

Nesse sentido, os diálogos direcionados pelos/pelas educadores/educadoras deverão possuir a perspectiva de reflexão crítica voltada para as questões sociais envolvendo os diferentes grupos sexuais. Sendo assim, o(a) educador/educadora deverá abordar questões referentes às diferenças entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual, de modo a tratar sobre o respeito às diferenças e o exercício da cidadania.

Os PCN apontam que “A escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade [...]” (BRASIL, 1997, V.10, p. 83). Como se vê, as indagações trazidas por Jesus (2008) entram em harmonia com as apresentadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. É preciso que hajam ações com tratamento direcionado a essas temáticas, não apenas quando surgirem casos de homofobia ou de discriminação às mulheres, mas sim durante todo o ano letivo, envolvendo e inserindo dentro do contexto de sala de aula e dos assuntos curriculares, abordando o assunto como tema transversal.

O(a) educador(a) deverá possuir algumas posturas que são pertinentes durante a abordagem com as temáticas de gênero e diversidade sexual. Segundo os PCN o(a) educador(a) deve:

Ter acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema;

Entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens;

Preparar-se para a intervenção prática junto dos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática;

Ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades absolutas;

Estabelecer uma relação de confiança entre alunos e professores;

Mostrar-se disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder às perguntas de forma direta e esclarecedora;

Ao orientar todas as discussões, deve, ele próprio, respeitar a opinião de cada aluno e ao mesmo tempo garantir o respeito e a participação de todos (BRASIL, 1997, v. 10, p.84).

De modo geral, a abordagem com as temáticas de gênero e diversidade sexual nas escolas torna-se delicada de ser contemplada e necessita de preparação, e o mais importante, que educadores(as) possuam entendimento sobre o assunto. Possibilitar o diálogo com os(as) alunos(as) de modo a torná-lo enriquecedor e estimulante para todos falarem sobre o tema é um desafio constante para aqueles/aquelas educadores(as) que abraçam a proposta de trabalho apresentada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Seja na Educação Infantil ou no Ensino Fundamental, a discussão de gênero e diversidade sexual deverá ser consolidada de forma que complemente a educação dada pela família. Com isso, pais e responsáveis deverão ser informados sobre a inserção da temática de orientação sexual nos currículos escolares, estando cientes da real perspectiva desse trabalho. É importante saber que “não compete à escola, em nenhuma situação, julgar como certa ou errada a educação que cada família oferece” (BRASIL, 1997, V.10, p. 85). Salienta os PCN, mas sim trabalhar o respeito às diferenças.

Para tanto, surgiu a necessidade de pesquisa com a temática de gênero e diversidade sexual nas escolas, de modo a verificar se professoras(es) abordam estes assuntos no âmbito da sala de aula e como trabalham com essa temática. Para contemplar este processo, tratamos de analisar quais as concepções das(dos) professoras(es) pesquisados sobre a temática de gênero e sexualidade; como os mesmos tratam as ocorrências relacionadas a gênero e diversidade sexual que surgem no contexto escolar; e o que a escola faz para diminuir a ocorrência desses casos.

## **METODOLOGIA**

O delineamento da pesquisa percorreu dados utilizados através das pesquisas bibliográfica e exploratória. Segundo Gil (2002) a pesquisa bibliográfica trata-se dos estudos feitos através de material já elaborado, geralmente são livros e artigos científicos. Tratando-se da pesquisa exploratória, que segundo Gil (2002) descreve como sendo um modo de conhecer melhor o problema pesquisado, tornando-o mais explícito e também como forma de construir hipóteses. Sendo assim, durante a utilização desta pesquisa, nos preocupamos como seria elaborado o instrumento de coleta de dados, de modo a possibilitar a criação de um material que fosse de fácil entendimento por parte dos pesquisados e que contemplasse aquilo que foi objetivado durante todo o trabalho.

O tipo de instrumento utilizado foi o questionário semiestruturado, no qual foi elaborado previamente, tomando como base os objetivos da pesquisa. O questionário foi dividido em duas

partes, na qual a primeira parte tratava de questões sobre a caracterização do pesquisado, e a segunda parte vinha contemplando as questões específicas sobre gênero e diversidade sexual nas escolas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por razão da ética da pesquisa não informaremos os respectivos nomes das pesquisadas, mas utilizaremos códigos para identificá-las. A tabela 1 apresenta algumas informações:

**Tabela 1**

<b>CÓDIGO</b>	<b>FORMAÇÃO</b>	<b>TEMPO DE ATUAÇÃO</b>	<b>REDE</b>	<b>ATUANTE</b>
P1	Especialista	30 anos	Pública	Fundamental
P2	Especialista	23 anos	Privada	Fundamental
P3	Graduada	7 anos	Privada	Ed. Infantil
P4	Especialista	4 anos	Pública	Ed. Infantil

Como questionamento trazido no questionário, foi pontuado sobre o que as professoras entendiam por orientação sexual. P1 apontou que são orientações e/ou “normas” que em geral a sociedade impõe como regra aos homens e mulheres e que na maioria das vezes se iniciam dentro do lar e perduram no convívio educacional e social. P2 relata que diz respeito às relações entre indivíduos. Geralmente envolve afetividade, atração e desejo. Isso independe do gênero, tem haver com sentimento, com realização pessoal e particular. P3 diz acreditar que orientação sexual refere-se ao desejo de quem se sente atraído e do que cada um observa e reflete sobre si. E P4 diz respeito aquilo pelo qual uma pessoa se sente atraída. Ela possibilita ao indivíduo, inclinações no sentido afetivo, amoroso ou sexual. É o ponto que norteia para onde a sexualidade irá ser orientada.

No que se refere à orientação sexual, as professoras possuem discursos que se aproximam, com exceção de P1 que comenta sobre ser normas que a sociedade impõe. P2, P3 e P4 dizem que orientação sexual trata-se de atração, desejo, afetividade amorosa ou sexual. Para Jesus (2008, p.

36) “a orientação sexual é o sentimento de atração que temos por uma pessoa ou várias pessoas tanto no âmbito afetivo como no sexual.” para tanto, as contribuições feitas pelas professoras P2, P3 e P4 entram em consonância com ideia de Jesus (2008).

Para estas professoras está clara a ideia do que é orientação sexual. Entendem que se trata de desejos muito singulares que cada ser humano possui, sendo este sentimento voltado para o lado amoroso ou sexual. É importante que as professoras tenham este olhar aberto a estas questões, uma vez que o ambiente de sala de aula é diverso e cheio de pluralidade sexual. Elas, as professoras, não encontram, em algum momento de sua trajetória escolar, alunos e alunas que apresentem sua orientação sexual diferente daquela que é apresentada como o “tradicional”, no qual homem deve sentir-se atraído por mulher e vice-versa. Possuir o olhar amplo diante desses aspectos é uma maneira de lidar melhor com as possíveis ocorrências que podem aparecer no contexto escolar.

Perguntamos as professoras se há ocorrências no contexto de sala de aula referente às questões de gênero e sexualidade e como estas são direcionadas. P1 diz já ter presenciado muitas questões relacionadas ao gênero e sexualidade com os estudantes e mesmo com os pais. Diz ainda que em sala de aula procura solucionar alguns conflitos ou questionamentos das crianças com muita naturalidade e tentando esclarecer como algo que faz parte das descobertas do ser humano. P2 diz que sim. Pontua também que os alunos são orientados e estimulados a desenvolver empatia e exercitar o respeito. Através de conversas e dinâmicas de grupo são levados a perceber que as pessoas não são piores ou melhores por conta da orientação sexual e sim por sua conduta. P3 diz não haver ocorrências. E P4 diz sempre haver. No sentido do que é adequado para cada um fazer/ usar/ ter/ de acordo com seu gênero. Exemplo: meninos brincam de carrinho e meninas de casinha. Ou as cores... A fragilidade da menina como algo pejorativo. A questão de que garotos não choram. Essas são apenas algumas ocorrências. Diz tentar sempre conversar a respeito e conscientizá-los no ato.

Com exceção de P3, todas as demais professoras disseram já ter presenciado algum tipo de ocorrência que envolvesse questões de gênero e sexualidade na sala de aula. Essas ocorrências são constantes em qualquer ambiente escolar, visto que a sociedade em si possui fragilidade para lidar com os diferentes casos distantes do padrão estabelecido como o certo, nesse caso, o padrão heteronormativo. P1, P2 e P4 dizem dialogar com suas/seus alunas(os) sobre estas questões, tentando esclarecer da melhor forma sobre as diferenças de modo a conscientizá-las(los).

Para Jesus (2008, p. 43) a educação possui um grande desafio, que é o de “construir um corpo de educadores/as capazes de discutir as questões de gênero, sexualidade, diversidade sexual, orientação sexual e identidade de gênero sem minimizar ou mesmo rotular indivíduos.” Portanto as professoras participantes deste questionário dizem trabalhar em prol de uma educação que vá de encontro a o que Jesus (2008) aponta, ajudando dessa forma a minimizar os casos de desrespeito à condição humana, contribuindo para uma sociedade mais tolerante e aberta a aceitar as diferenças.

Tratamos de perguntar as professoras se a escola desenvolve alguma ação que aborde questões de gênero e sexualidade e quais tipos de ações são desenvolvidas. P1 diz que não a escola propriamente. Porém a PCR – Prefeitura da Cidade do Recife dispõe de projetos e outras orientações do tipo para que a escola (quando se faz necessário) busque pessoas ou profissionais para desenvolver o tema dentro da escola. P2 diz que sim. Através de conversas com as famílias, com profissionais das várias áreas. Dramatizações, rodas de leitura e principalmente convivência, visto o fato de existir, na escola, vários profissionais de diferentes orientações e esse fato é tratado e comentado naturalmente. P3 diz não haver. A escola não permite que os professores tomem tal posicionamento, ou seja, tais questões não podem ser abordadas em sala de aula (infelizmente). E P4 diz que infelizmente, até agora não viu esse posicionamento sendo tomado por todo o corpo docente. No sentido de a instituição inteira se unir em prol da temática em questão. Diz que quando o assunto é gênero e sexualidade ainda existem tabus principalmente vindos dos pais, e diante dessa problemática, muitos professores preferem fazer essa abordagem de forma isolada para evitar certos constrangimentos movidos de intolerância, discriminação e machismo.

Apenas a escola na qual P2 atua desenvolve ações que contemplem a temática de gênero e sexualidade. Diz ela que o diálogo é feito tanto com as crianças, quanto com as famílias destas crianças, juntamente com profissionais de diversas áreas. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, “Cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto-referência por meio da reflexão” (BRASIL, 1997, V.10, p. 83) dessa forma podemos concluir que a escola que P2 atua é a única que desenvolve ações que vão de encontro aquilo apontado pelos PCN. Os PCN ainda pontuam que “A escola deve informar e discutir os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade [...]” (BRASIL, 1997, V.10, p. 83). Para tanto fica entendido a importância que a escola possui diante da abordagem com a temática.

Tratando-se do trabalho desenvolvido com as questões de gênero e sexualidade pela escola das professoras pesquisadas P1, P3 e P4 dizem que as escolas onde atuam não desenvolvem esta ação. No entanto a escola do P1 recebe orientações da Prefeitura, para quando necessário, trabalhar este assunto com os alunos. Não se sabe o que significa esse “necessário” apontado pela professora P1, mas é entendido que o trabalho com esta temática não deve ser realizado apenas pontualmente, quando ocorrerem casos de desrespeitos ou afins, mas deve ser um trabalho, que segundo os PCN, perdure o ano todo.

## **CONCLUSÃO**

Conseguimos verificar, em boa parte dos discursos das professoras, o entendimento acerca da temática. Os discursos encontrados são referentes à concepção das mesmas com relação ao que elas entendem por orientação sexual, sendo discursos que vão de encontro com o diálogo apresentado pelos teóricos. Quanto suas práticas conseguimos através do questionário verificar que as mesmas realizam intervenções em sala com a temática da diversidade sexual, com exceção de uma das professoras, que disse não contemplar por conta da escola não possuir abertura para tal.

Desde pequenas as crianças são condicionadas a agirem e se enquadrarem conforme o modelo heteronormativo que a sociedade apresenta, onde padrões e regras são estabelecidas, como o exemplo, quando há vontade de um menino brincar de boneca ou uma menina de futebol, na maior parte das vezes são proibidas e levadas a refletirem sobre o que é “brincadeira de menina e brincadeira de menino”, e quando estas regras não são seguidas, acabam sendo vistas como comportamentos errôneos e impróprios.

No entanto, nós quanto educadores possuímos o dever de oportunizar nossos alunos e alunas às realizações de suas vontades e trabalhar com aqueles que não enxergam isso com naturalidade de modo a promover uma ampliação de olhar e mudança de suas atitudes intransigentes, quando houver.

Este diálogo deverá acontecer constantemente e de forma interdisciplinar em sala de aula. É importante que os educadores percebam que a abordagem com as temáticas de gênero e sexualidade não se limita apenas a comentários ou críticas quando surgido os casos de discriminação na escola. No entanto este trabalho deverá ser norteado durante todo o ano letivo e acrescentado aos diversos conteúdos didáticos. Para tanto, enfoque de trabalho do professor deverá ser subsidiado e apoiado em parceria com a escola, para que os frutos deste trabalho sejam os mais profícuos possíveis. A

escola deverá estar preparada para conseguir clarificar não só seus alunos e alunas, mas também os pais destes.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos às professoras que participaram como sujeitas desta pesquisa, de modo a proporcionar o estudo em cima das contribuições trazidas por elas, bem como à Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE e a Orientadora Cristianne Lopes Lima de Castro.

## **REFERÊNCIAS**

- BRASIL. **Gênero e diversidade sexual na escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Brasília, DF. SECAD, 2007.
- BRASIL. **Orientação Sexual**. V.10. Brasília, DF. V.10. 1997. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>>. Acesso em 09/02/2017.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo : Atlas, 2002.
- JESUS, Beto de. **Diversidade sexual na escola**: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens. Ed. Especial, revista e ampliada. São Paulo: ECOS, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.